



Michel Serres e o desafio de educar os jovens na era digital

Geraldo Mateus de Sá
Universidade do Estado do Pará (UEPA), PA, Brasil
geraldomateusdesa@hotmail.com

Professor do Departamento de Filosofia e Ciências Sociais (DFCS) da Universidade do Estado do Pará (UEPA), PA, Brasil. Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Processos Socioeducativos e Práticas Escolares da Universidade Federal de São João del-Rei (UFSJ), MG, Brasil.

Wanderley Cardoso de Oliveira
Universidade Federal de São João del-Rei (UFSJ), MG, Brasil.
woliv2@gmail.com

Professor do Departamento de Ciências da Educação (DECED) e do Programa de Pós Graduação em Educação da Universidade Federal de São João del-Rei (UFSJ), MG, Brasil. Doutor em Filosofia pela UFRJ, RJ, Brasil.

RESEÑAS / RESENHAS

Serres, Michel (2013). Polegarzinha: uma nova forma de viver em harmonia e pensar as instituições, de ser e de saber. Rio de Janeiro, RJ, Brasil: Bertrand Brasil.

Palavras-chave: Michel Serres, Educação, Conhecimento

Palabras Clave: Michel Serres, Educación, Conocimiento

Keywords: Michel Serres, Education, Knowledge

Recibido: 13/05/2015

Aceptado: 25/07/2015

Para citar este artículo:

Mateus de Sá, G., Cardoso de Oliveira, W. (2015). Michel Serres e o desafio de educar os jovens na era digital. *Ixtli. Revista Latinoamericana de Filosofía de la Educación*. 2(3). 209 - 213.

Michel Serres e o desafio de educar os jovens na era digital

Michel Serres nasceu na cidade de Agen, sul da França, em 1930. No curso de sua vasta e diversificada produção intelectual publicou mais de 60 livros, os quais abordam vários campos do conhecimento e questões centrais da realidade contemporânea, tais como a tecnologia, a ciência, a educação e o meio ambiente. É um filósofo atento às configurações políticas, sociais e históricas de seu tempo. Seu espírito liberto das convenções filosóficas tradicionais o permite considerar que somente a invenção transcende o imitável e o repetitivo. Como um pensador insubmisso, inconformado e crítico, Michel Serres busca perceber a raridade do homem e do mundo de um ponto de vista flexível e fluido, ao mesmo tempo em que propõe e acredita no surgimento de um novo humanismo, sem, contudo, abrir mão de sua originalidade e permanente diálogo com as diferentes áreas do conhecimento.

Neste sentido, *Polegarzinha*, uma de suas obras mais recentes, é a tradução, no Brasil, de *Petite Poucette*, originalmente, um discurso proferido na Academia Francesa no ano de 2011. O termo que intitula a presente obra é uma analogia com o jovem que usa seus polegares com alta habilidade e destreza para manipular as mídias digitais. Nesta obra, ambientada na contemporaneidade francesa, Michel Serres nos convida para uma reflexão sobre a realidade do jovem que, na atualidade e ao seu próprio modo, estabeleceu novas relações com o mundo virtual e iniciou uma nova era que, segundo sua percepção, suplantará o saber no formato atualmente conhecido. O livro em questão está dividido em três partes: *Polegarzinha*, *Escola*, *Sociedade*.

Na primeira parte, o filósofo fala sobre o aluno e os jovens atuais que vivem num mundo diferente daquele outrora vivenciado por seus pais, e com o qual não mais se relacionam. Neste contexto, segundo Michel Serres, a realidade mudou de forma significativa, a exemplo do expressivo crescimento demográfico francês e mundial. Atualmente, estes jovens vivem, convivem e estudam num mundo multicultural, e vivenciam outra história em um tempo marcado pela influência da mídia que, continuamente, propaga a morte e a violência de forma cada vez mais abrangente e constante.

Nesta obra, Michel Serres ressalta a transformação do mundo em que a mídia assumiu a função do ensino e os professores não são mais ouvidos como outrora. As crianças de nossa época, por sua vez, habitam um mundo virtual e adquiriram a habilidade de lidar, simultaneamente, com múltiplas

informações. Portanto, não tem mais a mesma cabeça nem vivem no mesmo lugar de seus antepassados, de seus pais e professores. Sem que fosse percebido, no curto intervalo de tempo que nos afasta dos anos 70, emergiu outro ser humano, com a cabeça diferente daquela de seus pais e que, por este motivo, conhecem e escrevem de outra forma e sequer falam a mesma língua de antes. Encantado pela facilidade de como tais jovens manipulam as mídias digitais, Michel Serres substitui o antigo conceito de datilógrafo por ‘Polegarzinha’ e ‘Polegarzinho’, por conseguinte, levando em conta as mudanças da sociedade, da educação, da língua e do trabalho.

Estes novos habitantes do mundo, agora também indivíduos, passaram por intensas transformações e adquiriram uma forma diferente de conviver e de aprender. Para Michel Serres, abre “no nosso tempo e nos nossos grupos, uma rachadura tão larga e evidente” (Serres, 2013, p. 24) que se pode assemelhá-la às notórias transformações ocorridas no passado, como o neolítico, a era cristã, o final da Idade Média e a gênese do Renascimento. Em razão de tais mudanças, enfrentamos o desafio de querer ensinar a estes jovens, de nossa atualidade, fazendo uso ainda de uma forma ultrapassada, a qual eles não reconhecem nem ouvem mais.

Ao longo da história, gradativamente, se deu a objetivação do saber e a sua consequente democratização com a propagação do uso da internet, o que culminou em expressiva mudança na pedagogia, de forma análoga àquilo que ocorreu na “aurora da paideia” (2013, p. 28) e da Renascença. Com o surgimento da imprensa, a propagação do livro e, conseqüentemente, da informação e do conhecimento, o mundo mudou e continua em acelerado ritmo de transformação em virtude das novas tecnologias, em especial aquelas relacionadas ao campo da informática e da internet. Assim, diante das mudanças vivenciadas pelos jovens na contemporaneidade, segundo Michel Serres, tudo precisa ser refeito e inventado.

Na segunda parte da referida obra intitulada Escola, Michel Serres fala sobre a cabeça da Polegarzinha, ao mesmo tempo em que recorda a lenda de Denis, antigo bispo de Paris capturado e decapitado pelo exército romano antes de se chegar ao local da execução. Narra a antiga lenda que Denis, então decapitado, pegou com suas próprias mãos sua cabeça caída no chão e com ela seguiu até o local determinado para a sua execução no topo da colina, atual Montmartre. A partir da presente narrativa, Michel Serres faz uma analogia com Polegarzinha que, ao abrir seu computador, vê sua própria cabeça à sua frente, ‘bem cheia’. De forma análoga nos tornamos São Denis, pois

“nossa cabeça foi lançada à nossa frente, nesta caixa cognitiva objetivada” (2013, p. 36). Assim, Michel Serres concebe que, decorrida a decapitação do antigo bispo, no espaço vazio entre a cabeça e o tronco, resta acima de nossos ombros a intuição inovadora e a invenção. O filósofo também cita Montaigne que optou por ‘uma cabeça bem-constituída’ a um acúmulo de saber, tal como disposto nos livros e nas bibliotecas de sua época. Michel Serres afirma também que, atualmente, há uma nova e radical economia, quando um buscador online nos dispensa de uma cabeça repleta de saber acumulado e, a exemplo de Polegarzinha, podemos preferir uma cabeça mais bem-constituída do que cheia.

Em seu tempo, Polegarzinha poderá ajudar a revolucionar o “formato espacial inspirado pelo livro e pela página” (2013, p. 41). Assim, o pensamento e a invenção se dão no distanciamento do velho formato-página, agora obsoleto ante as novas tecnologias. É a partir deste distanciamento que se pode inventar, pois ‘a inteligência inventiva’ se dá quando nos afastamos do saber acumulado. Ninguém mais quer ouvir o professor preso à ‘uma página-matriz’; nem Polegarzinha lê ou dá ouvidos ao escrito recitado pelos porta-vozes deste saber, então considerado ultrapassado. Este novo tempo anuncia uma reviravolta na pedagogia, quando se deverá ouvir mais os ruídos de fundo e a tagarelice que, hoje, incomoda os professores tradicionais desde o ensino fundamental até o ensino superior, como se fosse um ato de protesto contra “a antiga voz do livro” (2013, p. 44). Agora, o saber não habita mais um campus universitário, formatado página a página nos moldes dos acampamentos do exército romano, mas trafega pelas redes virtuais de forma anônima. Logo, não é mais necessário se submeter aos professores ou a uma filosofia que professa um ‘Saber Absoluto’ e exigente de ‘corpos humilhados’, tanto da parte de quem aprende quanto da de quem ensina.

A facilidade de acessar a informação, quando e onde ela deseja, proporcionou a Polegarzinha cumular seus bolsos de saber. Para Michel Serres, a antiga sala de aula morreu e os jovens se emanciparam “das correntes da Caverna multimilenar” (2013, p. 49) que os subjugavam a um saber acumulado e inflexível. Por sua vez, Polegarzinha, habilidosamente, busca o saber em sua própria máquina, quebrando a ordem estabelecida pela ‘classe’ que, frequentemente, aprisiona e desmotiva a descoberta criativa e a invenção.

Em Sociedade, última parte desta obra, Michel Serres discute o espaço social que Polegarzinha habita e o trabalho que, também, a entedia, o que provavelmente decorre daquilo que ele denomina como um ‘roubo do inte-

resse'. Nesta sociedade, como nunca antes ocorrido na história humana, todos podem ser ouvidos, pois a "palavra humana balburdia no espaço e no tempo" (2013, p. 69) e uma era de democratização do saber já se vislumbra onde e quando se esvai a velha pedagogia. Aí o filósofo critica o mercado, as mazelas da fome e o assistencialismo desta sociedade que prioriza o espetáculo. Ademais, Polegarzinha vive numa realidade mesclada, onde se ouve uma confusão de vozes que prenunciam outras tantas mudanças. Nesta mesma sociedade, 'polegarzinhos' disseminados no anonimato apontam para a emergência de novas competências.

Em razão de sua originalidade, contextualizada na realidade contemporânea, Polegarzinha é uma obra que chama atenção para as constantes mudanças na sociedade, no saber e na educação. Com uma linguagem simples e acessível aos jovens, Michel Serres aborda a informação e o conhecimento produzidos e divulgados a partir das novas tecnologias, em especial através da internet e das mídias digitais. Como a jovem Polegarzinha, hoje, ele nos lembra de que nossos alunos acessam livre e diretamente o saber, fato que cobra mudanças e constantes invenções no campo da educação. Ao seu próprio modo, num estilo provocativo, inconformado, e às vezes controverso, mas em sintonia com o novo que emerge e àquilo que se inventa, Michel Serres nos instiga a pensar e atentar para as intensas transformações da sociedade contemporânea.

Em suma, a referida obra apresenta um importante rol de qualidade, competência e assimilação com a realidade atual, embora o filósofo não aponte nenhuma solução evidente em relação ao problema dos jovens no tocante à educação e ao conhecimento. Ainda que relevante e recomendada como uma obra indispensável para a compreensão e o entendimento dos atuais desafios da Educação, Polegarzinha não aprofunda sobre as possíveis consequências daquilo que, hoje, sucede com a juventude, principalmente em relação ao saber e ao emprego das novas tecnologias, não raramente assimiladas e utilizadas num formato até mesmo patológico e alienado. Um aparente excesso de otimismo, característica forte do pensamento de Michel Serres, deixa a obra fragilizada no tocante a uma análise crítica sobre a realidade dos jovens que, hoje, habitam as próprias tecnologias quando, também, são suscetíveis aos seus malefícios. No entanto, ainda que se faça um juízo crítico e de valor sobre Polegarzinha, a qualidade e a pertinência desta obra se sobrepõe aos seus pontos frágeis, e é inegável o mérito de Michel Serres em ouvir e dialogar, a partir de uma nova postura pedagógica, com a juventude e a sociedade de nosso tempo.